

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Anna Clara Assis de Oliveira

Quando uma vida encontra a outra: exercícios de docência e afetos
partilhados.



Juiz de Fora
2026





Anna Clara Assis de Oliveira

Quando uma vida encontra a outra: exercícios de docência e afetos partilhados.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia. Orientador: Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes



Juiz de Fora
2026



Ficha catalográfica elaborada através do programa de
geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Anna Clara.



Quando uma vida encontra a outra : exercícios de docência e
afetos partilhados / Anna Clara Assis de Oliveira. -- 2026.

34 f. : il.

Orientador: Jader Janer Moreira Lopes

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, 2026.

1. afetividade. 2. Educação Especial. 3. educação inclusiva. I.
Lopes, Jader Janer, orient. II. Título.





AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo a toda minha família, em especial aos meus pais, Jacira e Antonio Marcos, e meu irmão Lucas, que diante de qualquer instância ou circunstância, apoiam minhas escolhas e caminham junto comigo em busca dos meus sonhos e são as maiores referências em afetos partilhados na minha vida.


Agradeço ao meu orientador Jader Janer, por caminhar comigo nessa jornada de trabalho de conclusão de curso, e me guiar neste percurso, sendo um grande encontro dentro da graduação.

Preciso agradecer, agora aqui, não de forma individualizada, mas a todos aqueles professores que de alguma forma, me fazem tornar a professora na qual sou hoje. Meus antigos professores da educação básica, professores da graduação e em especial as professoras que acompanhei nessa jornada da graduação e que compõem a minha formação e se tornam colegas de trabalho e grandes inspirações.

Ainda sobre as professoras que acompanhei, um agradecimento especial a minha avaliadora Érica, um encontro marcante em minha trajetória e na da Cléo! Muito agradecida por ter aceitado esse convite e ter tornado esse momento ainda mais especial.

Aos meus amigos, que me apoiaram, escutaram e acompanharam essa jornada.

Em especial, a Cléo, um grande encontro na trajetória da minha formação e precursora deste trabalho tão lindo e especial.





RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso pretende apresentar como os aspectos afetivos podem contribuir de forma significativa para o desenvolvimento pedagógico e o exercício da docência dentro de uma perspectiva escolar inclusiva, situando-se como um relato e reflexões que possam colaborar para outros contextos escolares brasileiros. Esse trabalho foi desenvolvido através de leituras de artigos, resenhas, experiências vivenciadas em uma instituição escolar e análises de documentos oficiais dentro do campo da Educação Especial. Pretendeu-se articular todos esses fatores para trazer e reafirmar concepções da área da Educação e de seu compromisso com as transformações na vida. A partir de uma narrativa compartilhada entre a minha experiência de docência com uma discente da Educação Básica, foi possível desenvolver um trabalho que considero efetivo e de qualidade e que, por sua significância em minha formação como profissional da Educação.

Palavras-chave: afetividade; Educação Especial; educação inclusiva





ABSTRACT

This research aimed to present how affective aspects can significantly contribute to pedagogical development and the practice of teaching within an inclusive school perspective, positioning itself as an account of experience and reflections that can contribute to other Brazilian school contexts. This work was developed through readings of articles, reviews, experiences lived in a school institution, and analyses of official documents within the field of Special Education. The intention was to articulate all these factors to bring forth and reaffirm conceptions of the field of Education and its commitment to transformations in life. From a shared narrative between my teaching experience and a student in Basic Education, it was possible to develop a work that I consider effective and of high quality, and which, due to its significance in my training as an Education professional, is valuable.


Keywords: affectivity; Special Education; inclusive education





LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01:Uma lembrança de uma professora marcante.....	8
Figura 02:Um cartão de uma amizade especial advinda da escola.....	8
Figura 03:Cartão de uma relação criada a partir da escola.....	8
Figura 04:Cléo e suas expressões.....	10
Figura 05: Eu e Cléo.....	10
Mapa 01: Brasil e o estado de Minas Gerais.....	11
Mapa 02:Minas Gerais e o município de Juiz de Fora.....	12
Figura 06: Uma das demonstrações de afeto.....	30





LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC Base Nacional Comum Curricular

PCNs Parâmetros Curriculares Nacionais

AEE Atendimento Educacional Especializado

MEC Ministério da Educação


LDB Lei de Diretrizes e Bases






SUMÁRIO

O percurso até o encontro	7
Primeiros acontecimentos	15
Mais acontecimentos: meus encontros com a literatura da área	20
Outros acontecimentos: minhas escolhas metodológicas	24
Eis mais acontecimentos: os significados deste encontro	27
Referências	31






◆◆◆ “Ele compreendeu que os lugares ficam guardados dentro da gente, compreendeu que, se lugar é gente... Gente é lugar!”

Jader Janer

• O PERCURSO ATÉ O ENCONTRO...

Para iniciar a conversa, vejo que é necessário rememorar os acontecimentos pertinentes que fizeram com que eu chegasse até aqui. É interessante e impressionante ver e rever como as primeiras lembranças que guardo em meu coração, vierem a partir do momento que eu entrei na escola. Entrada na qual foi de minha escolha e que eu sempre soube, de alguma forma, que era meu lugar feliz! O sentimento de pertencimento, desde o primeiro momento, foi enorme e vejo que isso, em grande parte, vem de toda a afetividade que exalava naquele local, onde fui feliz por onze anos e poderia ter imensos baús de lembranças materiais e de memórias desse episódio da minha vida.

Era uma escola perto da minha casa, um lugar colorido, com coisas que me encantavam que me faziam querer estar e permanecer ali. É curioso, que me recordo até de gostos e cheiros que conheci lá. Foi muito especial crescer naquele lugar, que de certa forma, era um prolongamento da minha casa, principalmente porque eu me sentia segura. Por viver e conviver durante onze anos nessa instituição, foi um dos principais lugares que me formou como gente, lá eu tive meus primeiros amigos, minhas primeiras brigas, primeiras decepções, meus primeiros professores especiais e que de algum modo, me incentivaram a chegar onde estou, e me inspira a ser quem sou, enquanto pessoa e profissional.





Desse primeiro encontro, ainda guardo alguns artefatos que fazem parte da cultura escolar, evidenciando as palavras que fazem parte dessa epígrafe....gente é lugar! Artefatos esses que guardo com muito carinho, de pessoas importantes nessa minha caminhada e que permanecem até hoje comigo, e que de alguma forma me fazem ser quem sou hoje. Agora, compartilho com vocês alguns desses artefatos:



Figura 1: Uma lembrança de uma professora marcante
Arquivo pessoal

Figura 2: Um cartão de uma amizade especial advinda da escola
Arquivo pessoal

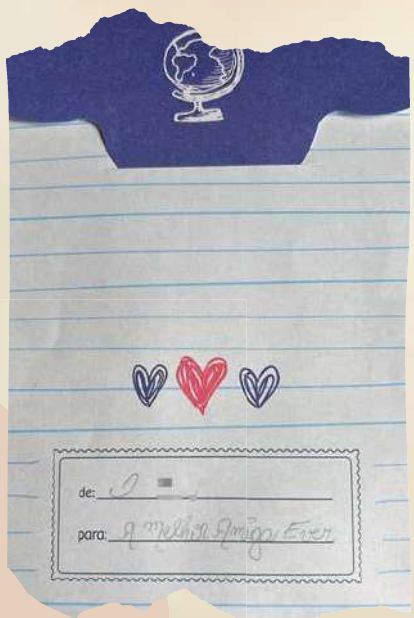


Figura 3: Cartão de uma relação criada a partir da escola
Arquivo pessoal





Vivenciando e refletindo ainda sobre esses artefatos, é interessante trazer a reflexão da escola como um ambiente social, que permite encontros especiais na vida. Atualmente, a escola é o primeiro lugar, o lugar privilegiado onde a criança convive com pessoas diferentes de seus familiares, já que muitas crianças perderam a rua como espaço de socialização e, por isso, acaba se tornando o espaço em que se ampliam os laços afetivos, sendo os primeiros criados com a própria família. A criação de laços, facilita a caminhada escolar e muitas vezes se tornam uma motivação para continuar e permanecer nesse ambiente, é comum também que por conta desses laços a escola é vista como um ambiente topofílico,¹ que proporciona, principalmente, uma sensação de acolhimento.

Ao me desconectar fisicamente desse lugar, não me encontrei no próximo. O sentimento de não pertencimento, a falta de acolhimento era grande todos os dias, era como se eu fosse uma peça que não se encaixava naquele grande quebra-cabeça e que fosse impossível encontrar algum espaço que eu me encaixaria novamente. A mudança ocorreu por necessidade, a escola que cresci não oferecia todas as séries e por isso tive que ir para outra, longe da minha casa, longe dos meus e me desconectando totalmente das minhas raízes. Foi então, que voltando para uma escola que era perto dos meus lugares e das minhas pessoas, novamente todos aqueles bons sentimentos e lembranças retornaram em mim e para mim, de algum modo me reconectei e vejo que uma das mais bonitas descobertas nesse tempo, foi ter deixado o desejo de me tornar professora me consumir, o desejo de proporcionar bons momentos, sentimentos e lembranças a outras pessoas.

¹ Topofilia, segundo Tuan (1980, p. 4), é “[...] o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.”



Todo esse relato e reconhecimento, somente é possível sendo uma observadora das minhas lembranças e trazendo um significado a elas. Atividade, na qual, tive o prazer de fazer em vários momentos da minha trajetória acadêmica

Dentre tantas lembranças felizes dessa trajetória, aqui irei desdobrar a importância e relevância do meu encontro com ela...

Um encontro entre pessoas, com uma pessoa que iria me marcar intensamente, trata-se da Cléo, um nome fictício para representar a estudante que acompanhei por um ano e três meses e que tanto me ensinou a ser professora e pessoa. A escolha do nome, se deu por Cléo sempre colocar esse nome em seus desenhos de boneca, desenhos esses que diziam muito para ela e sobre ela, como o que trago abaixo:



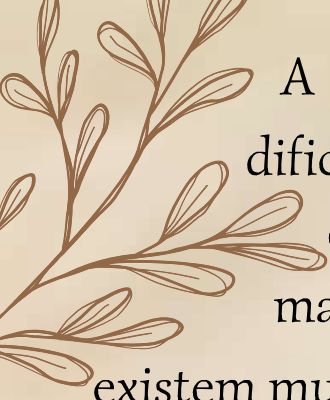
Figura 4: Cléo e suas expressões.

Arquivo pessoal



Figura 5: Eu e Cléo

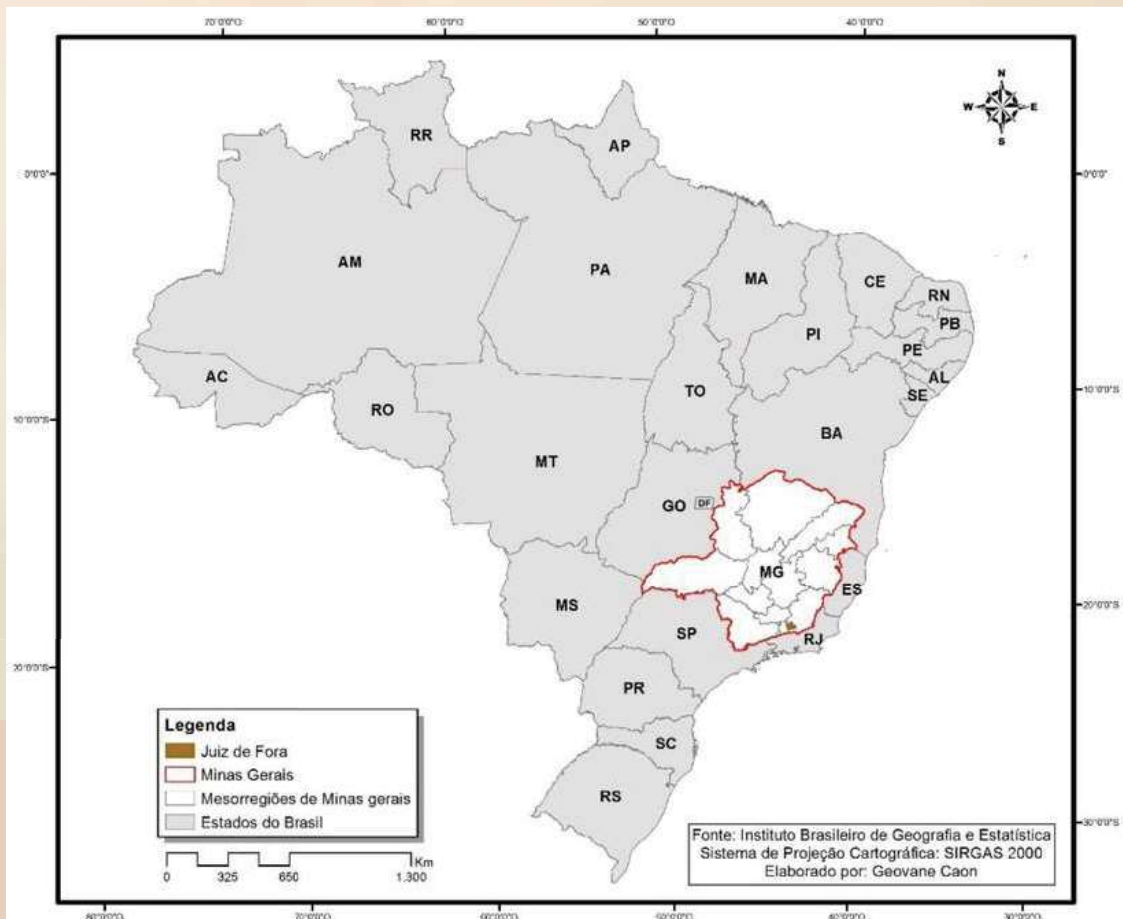
Arquivo pessoal



A linguagem verbal para Cléo era uma questão de dificuldade, por se enquadrar como uma criança alvo da educação especial e possuir algumas especificidades, mas como aponta Lopes (2024), todo ser é linguageiro e existem muitas linguagens para além da verbal e por isso, precisamos conhecer aquelas gramáticas não aprendidas por nós.

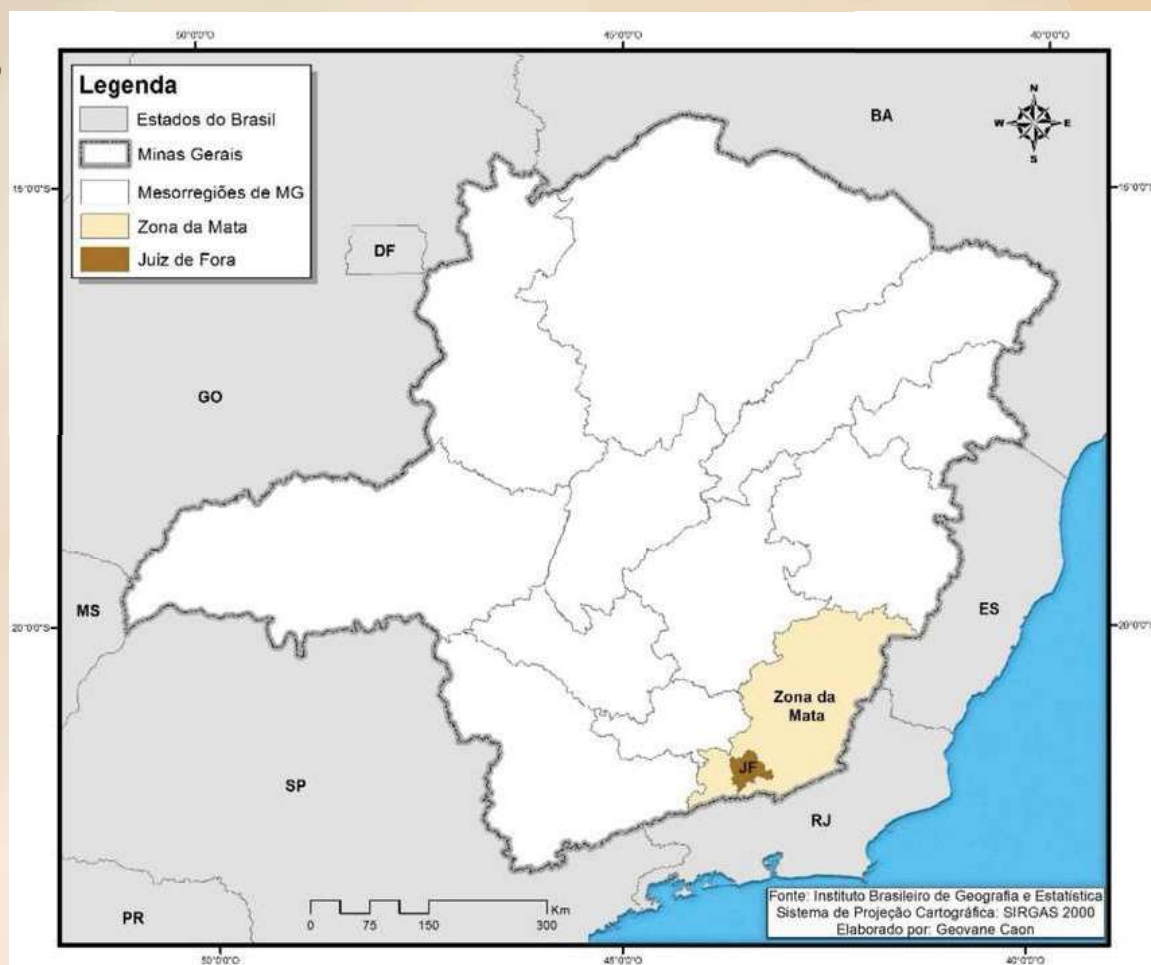
Assim, a partir de suas linguagens peculiares, a nossa comunicação era incrível, pois foi nós que a criamos a partir da nossa relação. A Educação Especial, sempre foi minha área de interesse desde da minha entrada no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Juiz de Fora, instituição de ensino superior, localizada na cidade de mesmo nome, no estado de Minas Gerais, região sudeste do Brasil. Assim que foi possível adquirir prática na área, me debrucei na oportunidade e foi um dos encontros mais lindos da minha trajetória.

Mapa 01:
Brasil e o estado de Minas Gerais




Mapa 02:

Minas Gerais e o município de Juiz de Fora



Abordando um sentido mais técnico, se entende como Educação Especial, o ensino voltado para alunos que possuem algum tipo de deficiência física ou intelectual, e pessoas com o Transtorno do Espectro Autista e/ou com algum tipo de superdotação, esses alunos são chamados de público alvo da Educação Especial. Cada escola se organiza nesse âmbito, a partir de sua necessidade, podendo ter o Atendimento Educacional Especializado (AEE), acompanhamento desses alunos a partir de mediação, e com adaptações curriculares, dentre outros fatores a depender das condições da Instituição e das especificidades de seus alunos.


Ao se pensar em Educação Especial, é compreender que as pessoas envolvidas nessa prática, exigirá de muito conhecimento e compreensão, por parte do docente, de suas especificidades. Fazer uma prática afetiva, em que o estudante confie



em você para estar ao lado dele, contribui positivamente no desenvolvimento pedagógico e na própria relação humana a ser construída ali. Com isso, essa relação de confiança, proporciona que esse ser desenvolva também mais relações interpessoais, criando laços de amizade que contribuirão diretamente em sua inclusão dentro de contextos sociais.

Trazendo essa temática para a educação brasileira, nos antigos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), (1997, p.98), temos um documento que já na sua introdução, alegava que: “os aspectos emocionais e afetivos são tão importantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer”. É um fato o quanto a afetividade está envolvida no processo educativo de qualquer pessoa e como ela interfere em diferentes âmbitos na vida escolar de alguém. É importante ressaltar também que essa interferência da afetividade na educação, pode ser benéfica ou maléfica dependendo da forma que é aprofundada em cada aluno.

Passado anos desses primeiros documentos, temos mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (2017), que trás pouquíssimas referências para a comunidade docente, sobre a Educação Especial, e os aspectos emocionais que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, um referencial teórico que é visto como importante e essencial, não contribui efetivamente nesse âmbito da Educação. Mesmo sendo um documento recente, não há uma preocupação em abordar a temática e não auxilia a comunidade escolar.



As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), considera o estudante como um sujeito que possui pensamentos, afetividades, linguagens e cultura, aspectos esses que são integrados no processo de educação. Esse documento




orientador coloca a criança como um ser aprendente que possui suas particularidades nas quais devem ser valorizadas e respeitadas no processo de ensino e aprendizagem, particularidades essas que podem vir a ser fatores intervenientes na construção desse caminho.

Ainda assim, a comunidade docente não vê a afetividade como uma possível ferramenta de solucionar problemas dentro de sala aula, e principalmente de preencher lacunas no processo de ensino inclusivo. Dessa forma, levar a afetividade para o espaço escolar, promove um ensino acolhedor e inclusivo. Ao vivenciar essas práticas, os alunos espalham e reproduzem esse comportamento, produzindo assim, uma sociedade mais respeitosa e acolhedora com todos.

Com toda a vivência prática e teórica, ainda é colocado em questão sobre os aspectos pertinentes ao âmbito escolar. Afinal, o que as instituições de ensino realmente precisam para desenvolver seus alunos pedagogicamente? Será que os encontros e desencontros que envolvem sentimentos são pertinentes aos processos educacionais? A compreensão da minha própria trajetória permitirá o encontro dessas respostas? Vamos seguir com os acontecimentos que considero pertinentes. Assim, já aviso aos leitores e leitoras desse texto, que ele, mesmo se pautando em um gênero textual acadêmico, seguirá uma outra arquitetura, iremos sistematizar nossos enunciados em formas de acontecimentos.






✦✦ “A máxima é que a gente esquece devagar as boas ações que pratica, e verdadeiramente não as esquece nunca.”

Machado de Assis


• PRIMEIROS ACONTECIMENTOS

A afetividade na escola perpassa qualquer pessoa que frequenta esse ambiente, afetando desde o zelador até um estagiário. Como nos lembra Lopes (2024), não existe “chão”, território sem afeto. Tuan em seu livro “Topofilia” descreve, explica e difunde esse termo, diante de perspectivas históricas, psicológicas, antropológicas, pedagógicas, religiosas, estéticas e através da percepção humana. Com isso, ele institui que é possível estabelecer relações afetivas com lugares, e essa relação é constituída por vivências e experiências nesse lugar, afinal “A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (Tuan, 2012. p.144).

No trabalho com a Educação Especial, o processo deve se pautar em dimensões que não dissociam o Cuidar e Educar, com momentos de conversa e interação que façam criar um vínculo de confiança e de um espaço seguro. Mesmo sem esses momentos, a afetividade de alguma forma perpassa nessa relação, afinal o ser humano é um ser carregado de emoções, e o trabalho pedagógico é melhor desenvolvido em um espaço de confiança. Na unidade afeto-intelecto (Lopes, obra citada).



Trazer essa temática, que ainda é pouco discutida, promove no corpo docente a reflexão de como explorar algo que possa vir a ser uma solução pedagógica. Principalmente ao se pensar na Educação Especial, área que ainda poucos professores se dedicam e possuem pouco aprofundamento teórico, pois, apesar



de já ser um debate que envolvem muitos anos, ainda é uma situação de muita insegurança profissional quando temos que lidar com as diferentes formas de ser e estar no mundo daquelas crianças que chegam até o espaço escolar.

A própria condição de docência em nosso país e também, no mundo, intensificam essas dificuldades: salas com muitos discentes, trabalho excessivo docente, entre outras situações, acabam por tornar as ações de inclusões mais difíceis.

Segundo o Censo Escolar de 2023, feito pelo Ministério da Educação (MEC), aumentou-se cerca de 41,6% as matrículas de crianças alvo da Educação Especial, considerando os últimos cinco anos. É imprescindível que esse assunto seja discutido de forma mais atenta e aprofundada e procurar soluções para esses alunos serem incluídos dentro do ambiente escolar, é de total urgência, por isso trazer trabalhos que discutem essa temática, é de extrema importância.

A Educação Especial surgiu com muitas lutas, organizações e leis favoráveis aos deficientes e a educação inclusiva começou a ganhar força a partir da Declaração de Salamanca (1994), a partir da aprovação da constituição de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), 1996 (Rogalski, 2010, p.3). Portanto, ainda é uma temática que possui muitas demandas e a necessidade de discussão e de conhecimento e abrir esse espaço de trazer novas perspectivas desse ensino, se torna essencial para avançarmos em um ensino inclusivo de qualidade e eficaz.



Laços de afeto

É importante lembrar e relembrar o momento que foi possível ter certeza que uma relação afetiva foi construída, afinal o ser humano é um ser carregado de emoções e qualquer relação humana as possuem. Minha relação com Cléo, foi se



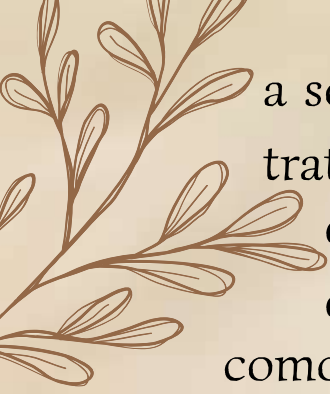
construindo de forma leve, sem pressa e respeitando espaços e limitações, esse cuidado permitiu que a nossa aproximação fosse natural e genuína. Como já dito anteriormente, Cléo é uma criança atípica e seus processamentos cognitivos e emocionais acontecem de forma diferente do que é considerado normal, por isso, foi tão importante a construção de uma relação afetiva positiva que acarretou e influenciou, posteriormente, em seu desenvolvimento pedagógico.

Atualmente, consigo confirmar que pelo meu cuidado em não limitar possibilidades, consegui, de certa forma, alcançar meus objetivos pedagógicos com Cléo. Essa estudante, era acostumada a lidar e ter que se adaptar a cultura da normalidade, e não em conviver em um espaço que criasse diferentes possibilidades e respeitasse suas limitações e preferências. Ao se deparar com a minha mediação, em que eu me preocupava em me adaptar a ela e aos seus processos, rapidamente o laço afetivo se consolidou e se tornou um facilitador ao desenvolvermos outros processos.

Ainda assim, após esse laço afetivo ser consolidado, conseguimos desenvolver outros aspectos importantes dentro da sua trajetória escolar, como as relações sociais e laços de amizade. Mattos (2008) elabora seu artigo com muitas referências e a partir delas, reflexões sobre a prática pedagógica afetiva e seus efeitos na vida escolar, abordando principalmente, como a afetividade pode vir a ser um fator de inclusão/exclusão escolar. Ademais, esse texto discute sobre a educação inclusiva e suas características, nos conceitos atrelados a essa temática, na prática dela dentro das escolas brasileiras e seus efeitos dentro do sistema educativo.

A partir dessa colocação, lembro que a mediação com a Cléo perpassou por um momento em que a relação afetiva precisou ser dosada para que ela não gerasse uma possível exclusão escolar social. A estudante possuía poucas amigas, a





a sociabilidade era uma dificuldade presente, e também se tratava de um período pós pandêmico,² que houve uma diferenciação na criação das relações sociais. Mas, além de um espaço pedagógico, a escola também funciona como um espaço de interações sociais e por isso, desenvolver a sociabilidade, se torna uma responsabilidade escolar, principalmente dentro da Educação Especial. Cléo me enxergava como um “espaço” seguro para qualquer momento ou situação, porém chegou em uma fase, que eu era sua única referência de amizade e companhia dentro do espaço escolar. Houve a necessidade de ressignificar esse laço afetivo para ela, e com muito cuidado e atenção, explicar como eu me encaixava na vida escolar dela, e ensinar que a vida é um grande quebra-cabeça, onde cada pessoa é uma peça que se encaixa em um determinado local e que temos diferentes peças e com diferentes funções. O papel da docência, ganha assim, a força transformadora de levar cada pessoa a ser para além do que ela já é, criar e habitar novas vidas e novos mundos.

Colocando ainda em evidência o desenvolvimento da sociabilidade, Cléo necessitou aprender a socializar, ela possuía dificuldades em contatar pessoas novas e isso se tornou uma grande dificuldade ao passar por uma repetência, momento no qual toda sua turma iria mudar. Em minha opinião, Cléo sofreu mais pela mudança das pessoas, do que pela repetência em si, era sofrido para ela ver seus colegas em outros ambientes e ela parecia não se sentir pertencente àquela turma. Consequentemente, todo esse processo interferiu em seu desenvolvimento pedagógico e foi necessário

² O período pós pandêmico, consiste no período após a pandemia do COVID-19, no ano de 2020. Durante o período pandêmico, a sociedade necessitou ficar reclusa e sem contato humano, por se tratar de uma doença altamente contagiosa. Comércio, instituições, restaurantes, escolas, dentre outras instituições de convívio social, necessitaram ficar fechadas durante a pandemia.





planejar um trabalho que envolvesse diferentes aspectos. Dentro desse planejamento, consideramos mediar possíveis possíveis amizades, que foram testadas a partir de grupos de trabalhos, recreio juntos e com um tempo, novas relações foram criadas e algumas dificuldades superadas.





“É preciso que a leitura seja um ato de amor”


Paulo Freire

• **MAIS ACONTECIMENTOS: MEUS ENCONTROS COM A LITERATURA DA ÁREA**

A primeira fonte a se analisar são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1997, que já discutem sobre a diversidade existente na sala de aula. Esse documento traz a influência dos aspectos emocionais e afetivos na educação e como são relevantes até mesmo para os aspectos sociais desenvolvidos dentro do ambiente escolar.

Por se tratar de um documento nacional, é interessante a abordagem desse assunto, justamente para mostrar a comunidade docente da existência desses alunos que podem vir a ser excluídos por não compreender de um jeito convencional. O documento chama a atenção para as singularidades de cada aluno e o dever do professor em sua ação de tratar esses casos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) é um documento nacional que aborda de forma rasa e incompleta os aspectos da Educação Especial e tudo que se remete a esse tipo de ensino. O termo “Educação Especial”, aparece somente duas vezes no documento, sendo que em nenhum desses momentos traz direcionamentos para essa modalidade de ensino. Termos como aparecem uma única vez e da mesma forma são citados sem uma finalidade de direcionamento. Os aspectos emocionais do aluno, não são considerados e discutidos pela BNCC, trazendo apenas como competência geral o conhecimento, apreciação e cuidado da saúde emocional.




Diante de todos esses fatores, a BNCC não é um bom parâmetro para a Educação Especial, e muito menos para se pensar nos aspectos emocionais que envolvem o processo educativo. Esse documento deveria ser um aporte teórico para se pensar em todo o âmbito educacional, mas percebe-se que isso não acontece.


Mattos (2008) elabora seu artigo com muitas referências e a partir delas, reflexões sobre a prática pedagógica afetiva e seus efeitos na vida escolar. Além disso, esse texto discute sobre a educação inclusiva e suas características, nos conceitos atrelados a essa temática, na prática dela dentro das escolas brasileiras e seus efeitos dentro do sistema educativo.

A autora também aborda sobre as emoções do ser humano e trata da interferência das emoções no cotidiano. Ela compara também a racionalidade e a emoção, e como uma pode superar a outra, sendo coisas a serem controladas no ambiente escolar para um desenvolvimento escolar e social realmente efetivo e benéfico para a vida desse aluno.

Esse texto conversa muito com as realidades que se apresentam nas escolas brasileiras. As considerações feitas, contribuem muito no pensar do poder que a afetividade possui dentro de um contexto escolar. Ao afirmar que a afetividade é um fator de inclusão/exclusão escolar, Mattos (obra citada) reafirma o valor das interações interpessoais dentro da escola e como isso pode vir a contribuir na vida acadêmica de um aluno. Ainda assim, mostra como isso se agrava ainda mais pensando em um contexto de Educação Especial.




Vasconcelos (2004), aborda discussões de diferentes campos teóricos acerca da razão e a emoção a partir de suas concepções do livro "Afetividade na escola: Alternativas práticas e teóricas". O autor trás a discussão dentro do campo da




filosofia, no qual a concepção aceita para eles é que a razão quase sempre supera a emoção. Já no campo da psicologia, ainda se tem a concepção de que razão e emoção estão dissociadas. E, enfim, trás a concepção dentro do âmbito educacional em que os educadores dividem as crianças em duas metades, uma parte cognitiva e outra afetiva.

A leitura desta resenha, vem como um grande aporte teórico na discussão sobre a razão e emoção, mostrando ao leitor as relações e divergências encontradas sobre um mesmo assunto dentro de diferentes campos teóricos. Essa discussão contribui para o pensamento da influência desses fatores dentro da escola e como eles precisam ser considerados, principalmente, na visão da Educação Especial.


Vigotski (2011), estuda como a criança com deficiência se desenvolve e como acontece seu caminho para adquirir conhecimento em sua obra “A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal”. É importante destacar que por ser um autor do século passado, algumas terminologias utilizadas em seu texto não são mais usadas atualmente, mas isso não compromete a contemporaneidade de seu pensamento para a época em que foi construído e suas contribuições para a atualidade. Ao analisar a obra é possível pensar e analisar em como a sociedade não está preparada para lidar com o diferente do que é considerado normal.



Com isso, essa obra permite refletir e conscientizar que é possível sim lidar com esse diferente e desenvolver esse indivíduo utilizando diferentes estratégias, confirmando para mim, que as minhas escolhas, conduziram-me por um caminho que considero acertado. Ainda assim, confirma ao leitor que mesmo ao utilizar estratégias não convencionais, essa criança irá



conseguir alcançar um desenvolvimento efetivo que compactue com a cultura do normal. O autor afirma que mesmo ao trilhar um percurso diferente do convencional, e até mesmo de forma mais lenta, isso não é um empecilho para esse ser chegar até o ponto final e adquirir e se desenvolver como o esperado de um indivíduo sem deficiência. Para ele, não devemos focar na deficiência primeira (a que está na pessoa), mas na secundária (a que está no meio que não compreende e não está organizado para acolher as diferenças). Com essa ideia, ela faz uma revolução fundamental para compreender a Educação Especial, pois retira o olhar da falta para a dimensão da potência e das diferentes formas de vivenciar esse mundo.





“Ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar possibilidades para que ele aconteça”

Paulo Freire

• **OUTROS ACONTECIMENTOS: MINHAS ESCOLHAS METODOLÓGICAS**

A metodologia desta pesquisa, conversa entre as vivências do cotidiano dentro de um contexto de educação inclusiva e com a leitura de diversas referências acerca do assunto, comparando assim, perspectivas teóricas com as práticas. Além dessa perspectiva, o trabalho envolve e disserta um relato de experiência através de acontecimentos.

Diante disso, a proposta deste trabalho, se encontra com as discussões sobre perspectivas não educacionais que a escola também se torna responsável. Como aponta Giraldi (2005), a escola se torna uma instituição de “tábua de salvação”, ocupando e preenchendo situações, que em um âmbito curricular, não é sua obrigação. A aula como conhecimento, texto e conceito de Giraldi, compreende que esse momento e o preenchimento do espaço escolar, necessita ter significado e sentido para o aluno.

Em suma, a afetividade como recurso para o desenvolvimento pedagógico, conceito discutido e defendido neste trabalho, serve também como uma condição metodológica que torna a aula como um acontecimento. A partir do relato entrelaçado nas pesquisas literárias, foi possível estruturar e relatar em forma de acontecimentos, os pontos relevantes que levaram a essa arquitetura.

Ainda sobre “A aula como acontecimento”, a herança cultural, dentro do contexto deste trabalho, encontra como um



aprofundamento metodológico capaz de colocar aspectos emocionais e sentimentais, como algo cultural dentro das relações humanas existentes no âmbito educacional. O lugar dessa pesquisa, sugere realmente como um encontro possível de acontecer dentro da escola e seu desdobramento como facilitador pedagógico.

A escolha em estruturar o trabalho de forma não convencional, é uma tentativa de trazer uma perspectiva que o diferente também pode ser bom e produtivo, além de trazer um elo afetivo a partir do estético visual. A arquitetura, escolha de títulos e formulação da estrutura entram como recurso de mostrar que cada relação é única e se desenvolve de formas distintas.

Através das leituras, foi possível perceber como a teoria se aplica dentro de um cotidiano escolar inclusivo e a forma como referenciais teóricos abordam essa temática. Mesmo sendo um assunto pouco abordado, é possível perceber nas escritas, uma preocupação em abordar, ao máximo, a interferência da afetividade no desenvolvimento escolar e pedagógico dos alunos. Além disso, é possível também testar metodologias para ver qual se aplica melhor dentro daquele contexto espacial e social.

Dentro da Educação Especial, principalmente, é necessário considerar as especificidades e necessidades de cada criança e ter a ciência que nem todas as suas propostas podem ser assertivas. Mas, a afetividade surge naturalmente na relação com essas crianças. É importante considerar que são crianças mais frágeis psicologicamente diante de sua deficiência, por isso, quando há alguém disponível para elas, uma relação afetiva se desenvolve rapidamente.

No âmbito prático, é importante perceber como a afetividade surge entre todos os personagens daquele contexto, visando também,





os aspectos negativos e positivos. A prática é um momento também de testar abordagens e alinhá-las de acordo com a realidade vivenciada e trazer novas contribuições para área, sendo possível também, que o próprio mediador tenha experiências e possa vivenciá-las.

É importante trazer também, a abordagem dos documentos oficiais, acerca da Educação Especial e Inclusiva, por considerar que são as principais referências utilizadas pelas instituições e professores. Com isso, esses documentos necessitam abordar de forma ampla e realista, assuntos tão importantes e relevantes para a comunidade educacional.

Dessa forma, o assunto abordado nessa pesquisa, é pouco explorado nesses documentos, contribuindo assim para um ensino sem qualidade para alunos da Educação Especial. Outro fator, é não considerar os aspectos emocionais que envolvem o ensino, com isso, é perceptível em como a maioria da comunidade escolar não consegue lidar de forma positiva, quando esses aspectos aparecem dentro da escola.

Para isso, irei usar como estratégias metodológicas as minhas memórias e meus registros pessoais. É uma pesquisa que se aproxima, assim, de uma narrativa autobiográfica, mas que escolhe os acontecimentos que vivenciei na perspectiva trazida por Geradi (obra citada).

Portanto, essa pesquisa pretende alinhar todos esses eventos e acontecimentos e tecer para aqueles que estão lendo essas linhas escritas como minhas vivências afetivas puderam contribuir pedagogicamente no ensino inclusivo.





“Para conseguir o que desejamos, lutar pelo o que amamos e amar as lutas”

Dipacho

• EIS MAIS ACONTECIMENTOS: OS SIGNIFICADOS DESTE ENCONTRO

Estamos chegando ao último acontecimento e irei ressignificar e analisar todas as experiências compartilhadas até aqui. Ao lembrar e contar toda a minha trajetória até a produção desta escrita, é possível analisar que todas minhas escolhas se conectam, de alguma forma. A partilha de afetos e exercícios docentes sempre esteve presente, a única mudança é as ordens dos sujeitos presentes, em que agora eu ocupo a posição de docente.

As análises, retrospectivas, estudos e reflexões acerca da temática se encontram e trazem a possibilidade de uma nova perspectiva acerca de relações existentes dentro do âmbito escolar e sobre o desenvolvimento pedagógico. Ainda assim, como já mencionado anteriormente, cada relação é única e se desenvolve, também, de forma única, porém é possível utilizar de estratégias para que isso aconteça de uma forma melhor.

Um outro ponto importante a se considerar, pois é algo pertinente a educação brasileira, é ter atenção em cima dos documentos oficiais que regem a nossa educação. Estar atento como é feita essa abordagem e, principalmente, se a abordagem está presente, se apropriar, se orientar e se precaver dentro de sua realidade. Os documentos oficiais além de serem orientadores, são limitadores da atuação do docente, e de certa forma protegem os professores, legitimando e identificando seus direitos e deveres.






Além disso, cabe também questionar as abordagens feitas nos documentos oficiais. Como já analisado neste trabalho, aspectos emocionais mal são mencionados, porém são aspectos totalmente pertinentes a área educacional, e que perpassa todos os agentes envolvidos no desenvolvimento educacional. Entretanto, além do dever em considerar os aspectos emocionais dos alunos, é importante também considerar os aspectos emocionais dos docentes.

É um fato que a área educacional é um campo permeado por lutas, em que várias bandeiras são abordadas e defendidas, afinal educar é um ato político, como defende Paulo Freire. Justamente por isso, se torna relevante a defesa em discutir e abordar assuntos pertinentes e interferentes ao processo pedagógico. Ao investigar sobre essa temática, é considerável vislumbrar a importância de todos os eixos abordados no trabalho, em como a articulação entre o eixo prático e teórico interfere nas tomadas de decisões. Dito isso, somente com o estudo e vivência, é possível desenvolver e melhorar a atuação, afinal nem toda prática pode funcionar para todo mundo, e é necessário testar e se adequar a sua realidade.

Ao retomar a questão enunciada no início do trabalho, as perguntas que desencadearam a pesquisa e o projeto desenvolvido aqui, vejo que é possível sim a afetividade ser um recurso para o desenvolvimento pedagógico, principalmente se tratando da Educação Especial e inclusiva. Esse campo, ainda um local de grande estudo e aberto a possibilidades metodológicas, ganha de certa forma, um recurso viável a qualquer realidade, pois não necessita de recursos materiais para ser consolidado, necessita somente de seres humanos para ser idealizada e concretizada, como já mencionado, todo ser humano é um ser carregado de emoções.






A afirmação da consolidação do laço afetivo entre eu e Cléo, ficou clara em um dia que ela me presenteou com uma pulseira e intitulou-a como nossa pulseira da amizade.

No cotidiano, os abraços, os desabaços, os sorrisos, foram se tornando comuns e mais presentes. Como já mencionado anteriormente, Cléo possuía formas de linguagens não convencionais, então foi necessário que eu fizesse a sua leitura. Os seus desenhos começaram a ter minhas características físicas, os nomes de suas personagens ganharam o nome de “Anna”, tudo isso era uma forma de afirmação da relação linda criada entre nós.

Ao longo dos nossos dias juntas, era perceptível como eu me tornei a referência dela tanto no âmbito educacional quanto no pessoal. Nas aulas em que eu precisei me ausentar ou em momentos que outras pessoas as acompanhavam, era relatado a dificuldade dela em aceitar esse outro de forma tão repentina. Na perspectiva pessoal, em um determinado momento houve mudanças no seu ciclo de amizade e mais uma vez, ela me colocou como referência. Mesmo essas situações sendo demonstrações de afeto e confiança, utilizei isso ao meu favor para desenvolvê-la. Diante dos conflitos que ela me apresentava, utilizei da confiança que ela tinha em mim para reverter situações e auxiliá-la no seu próprio desenvolvimento, tanto pedagógico quanto social.

Ademais, como a teoria já apresentada é necessário que a afetividade não se torne um fator de exclusão. Tendenciosamente, as crianças alvo da Educação Especial, podem ser menos incluídas dentro do ambiente escolar, por isso, seus mediadores necessitam saber contornar situações. Com a Cléo, em diversos momentos, a aconselhei, acompanhei e auxiliei na criação de laços com outras crianças e até mesmo na sua forma de expressão consigo e com o outro. Tudo isso, além de formá-la socialmente, contribui também para o seu ensino. Para ela, os primeiros contatos sempre



foram os mais difíceis, ao perceber isso, sempre estive ao seu lado nesses primeiros momentos. Todos esses processos só foram possíveis pois eu estava disposta a conhecê-la e criar estratégias que funcionam para ela.

Os encontros da minha própria trajetória confirmam que relações afetivas criadas a partir do ambiente escolar, possuem potencial para serem transformadoras. A valorização do ambiente escolar, como espaço transformador e acolhedor, também se torna importante por ser um espaço democraticamente acessível, em que todas as pessoas possuem direito em acessar esse espaço, tornando assim, um local importante e relevante nas histórias e trajetórias pessoais. Portanto, afetividade e educação necessitam andar juntas, e se tornar uma estratégia para melhorar a qualidade do ensino do país.

Antes da finalização dessa escrita, deixo como recordação e afirmação de todo este trabalho, um registro de uma das formas como Cléo se conectava e reafirmava todo o laço existente entre nós.



Figura 06: Uma das demonstrações de afeto

Arquivo pessoal



REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1899.

ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. Grupo Editorial Summus, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1997.


CISOTTO, Mariana Ferreira. Sobre Topofilia, de Yi-Fu Tuan. Geograficidade, v. 3, n. 2, p. 94-97, 2013.

DIPACHO. Apesar de tudo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018. 64 p. ISBN 978-8574068527.


FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. cap. 8, p. 81-101.



GOVERNO FEDERAL. Matrículas na Educação Especial chegam a mais de 1,7 milhão. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/marco/matriculas-na-educacao-especial-chegam-a-mais-de-1-7-milhao>. Acesso em 23/09/2024



LOPES, J. J. M. O menino que colecionava lugares. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LOPES, J. J. M. Atrás da porta: vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [con]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças. Pedro e João Editores: São Carlos, 2024

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. A afetividade como fator de inclusão escolar. Teias, Rio de Janeiro, v. 9, p. 50-59, jul./dez. 200

ROGALSKI, Solange Menin. Histórico do surgimento da Educação Especial. Revista de Educação do IDEAU, v. 5, n. 12, p. 1-13, 2010.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. Educação & Sociedade, v. 25, p. 616-620, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. Educação e Pesquisa, v. 37, n. 04, p. 863-869, 2011.

